



## EDITORIAL DO DOSSIÊ “FILOSOFIA DA RELIGIÃO”

*Prof. Dr. José Tadeu Batista de Souza, UNICAP\**

*Prof. Dr. Cléber Araújo Souto Baleeiro, UMESP\*\**

O tema geral do atual número da Revista Paralellus é Filosofia da Religião. Por mais simples que possa parecer, na verdade, trata-se de uma temática implicada em um grande emaranhado de questões altamente complexas. O próprio esforço de tentar dizer o que significam os termos “Filosofia” e “Religião” já evoca um imenso grau de dificuldades. Por conseguinte, o sentido atribuído aos respectivos termos traz, necessariamente, a marca dos contextos e dos lugares hermenêuticos dos sujeitos atribuidores. Isso significa dizer que qualquer palavra filosófica proferida sobre uma determinada questão, mesmo tendo a pretensão de universalidade, é sempre uma palavra inserida e condicionada por espaços e tempos determinados.

Nessa direção podemos dizer que há na tradição do pensamento ocidental diferentes filosofias. O mesmo pode-se dizer da religião, pois, ela apresenta-se nas experiências das várias culturas de maneiras muito diversificadas. Isso impõe a quem pretender pensar filosoficamente a religião, dizer qual é a sua compreensão de filosofia, por um lado e, por outro, explicitar qual é a religião a ser considerada. Essa consideração é

---

\* Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre e Licenciado em Filosofia (UFPE-UFPB-UFRN). Atualmente é Professor Adjunto IV da Universidade Católica de Pernambuco, membro do colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião e professor do Curso de Licenciatura em Filosofia. E-mail: [jtadeuoli@hotmail.com](mailto:jtadeuoli@hotmail.com).

\*\* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Atualmente é professor no curso de Bacharelado em Teologia (EaD) e coordenador da Pós-graduação (*lato sensu*) em Filosofia da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: [cleleberbaleeiro@metodista.br](mailto:cleleberbaleeiro@metodista.br).



muito importante porque respeita a pluralidade das experiências históricas, tanto do pensamento quanto da crença numa dimensão superior.

Ora, a filosofia reconhece a importância de refletir rigorosamente sobre a religião porque ela procurou, muito cedo, dar uma resposta pontual à intrigante questão do sentido da vida. A maior parte das religiões estabeleceu um ser supremo, divino, como aquele que representa a instância última de sentido da existência. Aquele que responde de maneira mais convincente às perguntas: de onde viemos? o que fazemos no mundo? para onde iremos? O saber sobre a origem e a abertura do destino para um fim dá, de fato, um sentido à experiência do viver de cada um. E, enquanto instância de sentido, merece toda referência cultural, veneração e louvor. Até podemos dizer que essa referência de sentido a um ser superior, uma energia divina, teve mais aceitação e visibilidade na tradição da cultura do Ocidente e foi, por assim dizer, hegemônica até a emergência do pensamento moderno.

Este último trouxe a ideia de que toda forma de saber válida tem de ser submetido à experiência para, a partir daí, estabelecer a sua verdade e, portanto, o seu sentido. A exigência posta pelo pensamento científico moderno, da constatação empírica e da demonstração individualizada do objeto vai produzir um problema para se pensar filosoficamente o fenômeno da religião. Como poderá a religião concretizar as citadas exigências? Como fazer a demonstração empírica de Deus que é o referencial último de sentido da maior parte das religiões?

Se o modelo de pensamento moderno percebeu na religião um lugar de problemas e, até certo ponto, pensou na possibilidade do seu desaparecimento, teve, por outro lado, de admitir que ela é um tipo de experiência de vida mais antiga. Além disso, pode-se perceber que a religião sempre articulou a configuração dos seus elementos constitutivos prescindindo da Ciência. Ou seja, a religião tem-se mantido autônoma em relação à Ciência e garantido a sua sobrevivência, apesar de todos os ataques sofridos. Ela permanece como uma força vital nas experiências de vida em muitas culturas. De modo particular, essa vitalidade tem-se manifestado muito forte na cultura contemporânea. Pessoas como Oscar Romero, Teresa de Calcutá, Gandhi, Helder Camara e tantos outros espalhados pelo mundo são figuras religiosas que deram testemunho da força e da importância da religião para a sociedade contemporânea.

Quer seja tratada como questão problemática ou um horizonte de sentido para a existência, a filosofia está chamada a expressar a sua palavra sobre o fenômeno humano da religião. Os textos que ora apresentamos se inserem nesse esforço de serem ditos sobre essa Palavra.

O primeiro texto, *Deus além da essência: ética e transcendência em Lévinas*, de Fabiano Victor Oliveira Campos, procura apresentar a abordagem do filósofo Emmanuel Lévinas sobre a questão de Deus e a possibilidade de sua narrativa. Para isso, ele parte da seguinte pergunta: “como pensar Deus e renovar o discurso sobre Ele, frente às mudanças individuais e coletivas que estão ocorrendo em nossas sociedades?”. O autor discute essa pergunta inicialmente abordando a crítica à onto-teo-logia e sua transformação de Deus em um objeto entre outros. Isso promove um deslocamento de Deus da ontologia para a ética, o que significa dizer que Deus, enquanto sentido, se dá de modo especial no encontro do outro.

O texto de Rodrigo Portella, *A Virgem Maria, suas aparições e mensagens na modernidade: uma arena de conflitos*, busca mostrar como as diferentes aparições da Virgem Maria na Modernidade são interpretados por diversificados grupos dentro da Igreja Católica a partir de seus interesses político-eclesiásticos. As aparições aceitas pela Igreja, de modo geral, reforçam elementos doutrinários tradicionais e, dessa forma, grupos mais tradicionalistas se apropriam delas de modo a legitimar sua militância, enquanto os grupos que entendem que há a necessidade de mudanças na igreja ainda que não rejeitem essas manifestações as veem com reservas. O texto aponta elementos particulares que diferem as aparições da Virgem Maria na modernidade de outras épocas, como a crítica à própria modernidade, o que, por si só, já serve de ponto de conflito entre diferentes setores da Igreja.

Fábio Augusto Dárus, no artigo *Orígenes de Alexandria e Pseudo Dionísio: uma perspectiva teológica da visão de Deus*, procura comparar a visão de Deus de Orígenes e de Dionísio, importantes pensadores dos primeiros séculos do pensamento teológico, e suas possíveis implicações, de modo a identificar se há influências deste sobre aquele e quais seriam essas inferências. O ponto comum que ele percebe entre os dois teólogos antigos e a partir do qual faz sua análise é o pensamento alexandrino, decisivo para a compreensão de temas como natureza

transcendente de Deus e a impossibilidade do conhecimento dos seres humanos da Divindade.

*Dialética e funcionalidade do mito e da religião: dos mitos primordiais às religiões universalistas* é o título do artigo de Ana Saldanha. No texto, ela busca perceber a interdependência dialética de mito e religião, procurando compreender as diferentes religiões do mundo, os seus sistemas míticos e a sua assimilação pelo imaginário coletivo dos povos, assim como a funcionalidade sociopolítica do mito e da religião. Para isso, a autora apresenta um panorama da história das religiões nos moldes de historiadores clássicos, como Eliade, de modo a relacionar os mitos com as diferentes formas religiosas e as compreensões de mundo a elas ligadas.

No texto *A concepção de símbolo em Mircea Eliade e Paul Ricoeur*, Douglas Ferreira Barros apresenta o conceito de símbolo, enquanto paradigma epistemológico de sistematização do pensamento, a partir das perspectivas de Eliade e a de Ricoeur. Para ele, o primeiro compreende o símbolo como ligado ao sagrado, é visto como fonte de sentido que prolonga a hierofania ou a substitui; revela uma realidade sagrada ou cosmológica não possibilitada por nenhuma outra “manifestação”. Para Ricoeur, o símbolo tem duplo sentido: o sentido aparente e o oculto; assim, envolve a linguagem insubstituível do domínio da experiência, por ele chamada experiência da confissão. O autor entende que, por caminhos diferentes, com a concepção de símbolo, Eliade e Ricoeur colaboram com a compreensão da religião.

Outro texto é *Literatura e fenômeno religioso: a sobrevivência do mito na estrutura das narrativas literárias*, de Vitor Chaves de Souza. O artigo procura apontar para a importância da autonomia do mito no pensamento humano e, conseqüentemente, a sobrevivência do sagrado e sua linguagem mitológica, principalmente, na literatura. Dois autores são evocados como sustentação para a discussão: Mircea Eliade, que fornece o referencial teórico a partir do qual o tema do mito é abordado; e Eça de Queiroz, de modo especial, em sua obra *A perfeição*, que fornece o exemplo da sobrevivência do mito na literatura.

Em *As duas (p)artes da vida de Gióia Júnior: entre a poesia e a política*, Júlio César Tavares Dias tem como objetivo preencher parte do enorme vácuo existente nos estudos sobre a poesia evangélica. Para isso ele apresenta os principais elementos

da biografia do poeta evangélico Gióia Júnior. Segundo o autor, sua intenção é, evitando ao mesmo tempo o louvor gratuito, típico das denominações religiosas, e a crítica sem razão, apresentar a figura de Gióia Júnior como homem de seu tempo, que deu a contribuição que julgava cabível à época em que viveu, mas que não saiu incólume de viver algumas incoerências.

*“Tu as escreverás nos umbrais da tua casa, e nos teus portões” (Dt 6,9): interpretação da Mezuzá ao longo da história* é o título do artigo de Débora Carvalho da Silva. Ela explica que, em seu contexto original, o termo *mezuzá* se refere aos umbrais da porta de casa, que pode compreender a trave superior, ou os dois postes que ladeiam a porta; porém, ao longo dos séculos passou por transformações em seu sentido. Dessa forma, a *mezuzá* tornou-se um símbolo religioso e objeto de devoção, com adição de significados que essa realidade representa.

O texto que fecha este dossiê é *O mistério do “crucificado jansenista” no Convento de Santo Antônio de Ipojuca – PE: em busca de uma explicação para além da tradição popular*, escrito por Rafael Ferreira Costa e Marcos Roberto Nunes Costa. Os autores propõem uma interpretação histórica que justifique a presença de um crucifixo com motivos jansenistas em um convento católico em Pernambuco. Para isso, eles discutem a inserção do jansenismo em determinados setores do catolicismo português e sua incidência no Brasil.

Além dos nossos agradecimentos aos/às articulistas, desejamos boas leituras ao público que acompanha as publicações da PARALELLUS – Revista de Estudos de Religião, do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco.